

0030686/2003



L0000030689

POESIAS

REGISTRO GERAL

Seção de Classificação

N.º 1794

Data 30/04/94

DO

DR. RAIMUNDO ALEXANDRE VALLE DE CARVALHO

precedidas de sua biographia, publicadas

POR

JOÃO EMILIANO VALLE DE CARVALHO.

ORMA
869.91
e331p



Caravelles

maio - 1911

1855

As Illm. e Cam. Senti.

DR. DOMINGOS ANTONIO RAIOL

Offerece

ADVERTENCIA.

Sentimos não haver encontrado para publicar neste volume todas as poesias de Raimundo Alexandre Valle de Carvalho, bem como seus escriptos sobre litteratura, discursos necrológicos á memoria do Dr. Franklin Washington de Souza Rego, conselheiro João Duarte Lisboa Serra, Dr. Eduardo Olympio Machado, etc.

Rogamos, pois, á todas as pessoas que possuirem, ou souberem onde pãrão taes produções, umas ineditas, outras publicadas nos jornaes d'aqui e do Recife, que se dignem de auxiliar-nos com suas informações á respeito, porque pretendemos publical-as em outra edição, que por ventura fizermos do presente trabalho.

BIOGRAPHIA

DO

DR. RAIMUNDO ALEXANDRE VALLE DE CARVALHO.

Ostendent terris hunc tantum fata, neque ultra
Esse sinent.

Virgilio

I

A curta biographia, que vou traçar, é uma série de edificantes exemplos.

Sua leitura produzirá o estímulo, que vence a inercia e opéra milagres.

Incumbindo-me desta difficil tarefa, tão penosa para meu coração, cumprio um dever de amizade, e procuro ao mesmo tempo subtrahir ao olvido as preciosas paginas de uma vida tão breve quanto util, que muito prezaram os contemporaneos, mas que ignora completamente a geração actual.

... não faga o serviço à sociedade, con-
... de que ... urante salvar da voragem

do tempo exemplos tão proveitosos, não deixei de contribuir, embora com uma parcella minima, para o incentivo da mocidade.

II

Foi curta, mas brilhante a existencia deste esperançoso mancebo.

Nascen a 20 de abril de 1831 na pittoresca Fazenda—Remedios—situada á margem esquerda do soberbo Itapecurú, não mui distante da então villa deste nome.

Era filho legitimo do Major Antonio Lourenço de Carvalho e de D. Anna Maria Valle de Carvalho.

Nessa mansão de paz e alegria correram-lhe os primeiros annos da leda quadra infantil.

Em 1837 seguiu de muda com seus pais—que deixavão de vez este lindo mas cansado torrão—para a Fazenda—Dores—situada em fertilissimas terras no centro do Codô.

Ali permaneceu até fins de 1839, quando a tremenda revolução *dos Balaíos*, manchada de horrores e chegada á sen auge, obrigou sua familia, como a muitas outras, a procurar salvação e refugio nesta Capital.

Bem funesto foi-lhe o termo desta penosissima viagem, feita em grande parte atravez de mattas invias, inçadas de tapuyas selvagens, e no rigor de inverno; pois, pouco depois da chegada foi seu socorção rudemente ferido pelo oroso golpe

de sua idolatrada mãe, fallecida á 5 de março de 1840.

Se bem que já houvesse começado as primeiras letras na Fazenda—Dores—com um respeitavel ancião, amigo da familia, pode-se comtudo dizer que seu verdadeiro tirocinio elementar da lingua vernacula data dos fins de 1841, em que principiou a leccional-o o estimado professor Alexandre José Rodrigues.

Taes progressos fez nesses estudos rudimentares, que no fim do anno seguinte foi dado por prompto, e passou em principios de 1843 a cursar a aula de grammatica portugueza no acreditado collegio do Dr. Domingos F. M. Perdigão, recentemente fundado, onde começou tambem a estudar preparatorios seu irmão Ricardo.

Retirando-se pouco depois para sua Fazenda seu pai viuvo e valetudinario com o resto da familia, ficaram os dois estudantes residindo em casa de seu prestimoso cunhado e amigo Tenente-coronel Joaquim Serapião da Serra, que de bom grado e desinteressadamente os recebeu e tratou com todo desvelo.

Em meados de 1844 as saudades levarão pela ultima vez a capital o extremoso pai, que só se considerava feliz quando via junto a si todos os seus.

Regressando pouco depois para o interior (em dezembro do mesmo anno), immensa foi a dôr deste respeitavel ancião, que se separava pela segunda vez dos dois filhos e pela ultima de sua estremecida filha e de seu caro genro.

Desde a viagem de muitas vezes que não tor-
vel-o.

Raimundo Alexandre e seu irmão Ricardo continuaram a morar com seu estimável cunhado, e a estudar no collegio do Dr. Perdigão até outubro de 1846, quando se retirarão para o interior, onde forão passar as ferias com seu pai e irmãos.

Foi Raimundo o portador de uma lisongeira carta para seu pai, em que seu autor, o Dr. Perdigão, fazendo grandes elogios ao robusto talento do joven discipulo, instava com todas as forças para que seu pai, inda a custa de sacrificios, o mandasse estudar Direito.

«Se formar-se, como deseja, dizia o illustre mestre, fará conspicua figura nesta terra».

Durante a sua estada na fazenda S. Antonio— muito mais central do que a das Dores, donde seu pai se havia mudado—o joven estudante se desforrava do tempo dos labores e vigalias escolares, passando compridas horas a divertir-se nos exercicios da caça, pesca e equitação, commettendo às vezes temeridades, como a de lançar-se pelas brenhas em busca de caça e a grandes distancias, exposto as investidas das feras e de indios bravios, que infestavão ainda grande parte da Comarca do Codó, e que accommettião de assalto as fazendas, matando e às vezes arrebatando comsigo crianças e adultos, que conduzião para suas aldeias.

Aconteceu até uma vez que horas depois de chegar elle de uma dessas excursões, já ao anoitecer ouvirão-se do lado que elle percorreria distinctos e repetidos sons do boê dos indios, signal segun-do se diz de que elles querião

Em janeiro do seguinte anno os dois estudantes cheios de saudades deixavão o lar paterno em busca da Capital, indo morar com seu tio materno Major Antonio Duarte do Valle, homem chão e bondoso, que desejando tambem contribuir para a educação dos sobrinhos, havia muitas vezes escripto ao pai delles fazendo-lhe os mais francos offerecimentos nesse sentido.

Matriculou-se logo Raimundo Alexandre no Lycêu, onde continuou a fazer brilhantissima figura pelo seu vasto talento, sendo em todos os preparatorios approvado plenamente com louvor e em todos premiado com uma rica medalha de prata, instituida por lei.

Em todo viço da mocidade, dotado de um coração tão grande como seu talento, affagava com enthusiasmo as sublimes ideias de liberdade e patriotismo.

Assim, vemos neste anno de 1817 o joven estudante deixar os bancos escolares em uma quadra eleitoral bem vertiginosa, e cheio de coragem e denodo juntar-se aos grupos dos que elle suppunha opprimidos e com discursos já bem vigorosos e eloquentes para sua tenra idade enthusiasmal-os e animar-os a reagir contra os oppressores, constituindo-se assim defensor dos direitos do fraco contra o forte.

No anno de 1819, quando se soube do desfecho da revolução de Pernambuco, que teve por triste epilogo a morte do desembargador Joaquim Nunes Machado, victima, segundo se dizia, de um tiro disparado por mão trahidora, o joven patriota não poude conter sua indignação e fez a bella poesia—A'

sentida morte do Desembargador Joaquim Nunes Machado, cheia de estro, naturalidade e sentimento.

Deixemos, porem, estes epis dios e reactemos o fio desta simples noticia biographica.

Em meado do mesmo anno já se achava o joven estudante prompto nos preparatorios precisos para matricular-se na Academia de Direito.

Em outubro effectivamente seguiu para Pernambuco, voltando Ricardo para a companhia de seu pai; e antes de partir publicou a saudosa poesia *Um adeus aos meus parentes e amigos*.

Ali em pouco mais de um mez tornou a prestar exames de todos os preparatorios, como era então exigido por lei, e em todos sahiu approved plenamente, matriculando-se em seguida (março de 1850) na então Academia Juridica de Olinda.

Este talentoso mancebo estudou devéras e sabia muito bem os preparatorios; pelo que nunca soube por experiencia propria, o que é muito raro, as *delicias* de um R., quer no Collegio e Lycêu, quer na Academia, quando teve de repetir ali os exames para se matricular.

Os cinco annos de seus estudos academicos (de 1850 á 1854) forão uma série de esplendidos triumphos para o brioso maranhense, que assim honrava a terra do seu berço.

Podendo com justo titulo orgulhar-se de seu talento e saber, nunca o fez; e até era modesto em demasia, porquanto, obtendo em todos os actos dos annos lectivos plena approvação e em...

a nota de —distincção—, cousa então raríssima, soube sempre occultar aqui aos amigos este ultimo facto, que só foi conhecido depois de sua morte.

Quando cursava o 2.^a anno (1851), foi Raimundo Alexandre cruelmente surprehendido pela acabrunhada noticia do fallecimento, em 28 de abril, de seu caro pai, que deixava na orphandade seus queridos irmãosinhos, por quem tanto estremecia.

Este rude golpe ferio-o tão profundamente, que fez por momentos vacillar aquelle espirito forte e sobranceiro

Então na sentida poesia —*O canto do orphão*— carpiu em tristes endechas a irreparavel perda de seus pais e a orphandade de seus irmãos.

Feito o acto deste 2.^o anno, voou Raimundo Alexandre a abraçar seus irmãos na Fazenda — Abundancia — no Alto-Mearim, para onde se havião mudado pouco depois da morte do pai, por deliberação de seu irmão Ricardo, que como o mais velho da familia era o tutor dos irmãos menores.

Sua chegada foi um balsamo consolador para os seus e um remedio prompto para remover certas difficuldades economicas com que arcava o casal de seu pai, pois, alem de uma coragem e presença de espirito invejaveis, possuia este mancebo muito bom senso, força de vontade e facilidade de resolução.

Nunca se acobardou ante as difficuldades; pelo contrario, encarando-as impavidamente, sempre as soube combater e superar.

Muito se alava d'elles os celebres versos de Ho-

*Si fractus illabatur orbis,
Impavidum ferient ruinae.*

Voltando em fevereiro de 1852 a fim de continuar seus arduos labores academicos, trouxe para esta capital em sua companhia um irmão que desejava estudar e que ficou morando com seu prestimoso cunhado Tenente-coronel Joaquim Sarapião da Serra.

Durante sua vida academica soube acercar-se de bens e verdadeiros amigos, que o estimavão como irmão.

Cheio de justo desvanecimento, citava saudoso, entre outros, os illustres nomes dos Drs. Domingos Antonio Raiol, Trajano Galvão de Carvalho, Romualdo de Souza Paes de Andrade, Joaquim da Costa Baradas, Luiz Antonio da Silva Nunes, José A. Machado, Estevão Vaz Ferreira, A. Americo de Urzedo, Franklin Washington de Souza Rego, Branlino Candido do Rego Mendes e Antonio Joaquim Franco de Sá.

Em fevereiro de 1853, quando descansava dos trabalhos academicos do anno anterior, e já cuidava da matricula d'aquelle, nova e grande infelicidade o foi acommetter, pois, como um raio, recebeu a terrivel noticia do fallecimento de seu caro irmão Ricardo, que fazia na familia as vezes de pai e era o tutor de seus irmãosinhos.

Seu espirito forte supportou com este golpe um choque tremendo, mas não se abateu; antes, retemperou-se para lutar e vencer a cruel dor, que o pungia, e o formidavel golpe, que se lhe antolhava

com este funesto acontecimento, pois, importava a renúncia da carreira, que com tanto affan seguia, visto que, como bom filho e bom irmão, cumpria-lhe assumir o lugar do bom Ricardo, isto é, ser o tutor de seus irmãos e ao mesmo tempo chefe e director do casal, que continuava a lutar com novas difficuldades.

Com effeito, no vapor seguinte embarcou para o Maranhão, e em poucos dias conseguiu sua nomeação de tutor, aplainou as difficuldades do casal, encarregou de sua direcção seu bom e desinteressado amigo tenente-coronel Serapião Serra, que sempre o auxiliou; e dos negocios da lavoura seu irmão Alexandre, o mais velho depois d'elle, moço de 18 annos, mas de muito bom senso.

Voltou em seguida para Pernambuco a fim de continuar sua carreira tão brilhante, mas tão interrompida e attribulada por taes desgostos; e concluiu-a em fins de 1854, embarcando no 1.º vapor para sua provincia, onde, em vez de descansar de tantos labores, veio trabalhar, e trabalhar devéras, pois tinha de cuidar de seu futuro e de prover a educação e manutenção de seus irmãos, cuja tutella a lei lhe havia confiado.

Antes de cuidar de si, seguiu para o interior a abraçar seus irmãos e ir pessoalmente, como o fez por um inverno rigoroso, a Fazenda S. Antonio, então solitaria *tapera*, exhumar os preciosos restos de seu caro pai, e collocal-os com os do irmão Ricardo em um jazigo na fazenda de S. Antonio desta comarca, onde

Com bons auspícios encetou Raimundo Alexandre a carreira pratica da vida, pois, pouco depois de sua chegada a provincia foi nomeado promotor publico da comarca da capital, lugar que exerceu com todo zelo e intelligencia e no qual patenteou os vastos recursos de seu poderoso talento

Sendo nomeado em maio do anno seguinte (1856) para o importante cargo de juiz de orphãos da mesma comarca da capital, para o que muito concorrerão os esforços de seu bom cunhado e amigo tenente coronel Serapião Serra, deixou o exercicio daquelle para assumir o deste cargo, e neste vasto theatro foi que o joven bacharel pôde dar, como desejava, todo elasterio aos recursos de suas faculdades.

Sua actividade incansavel se multiplicava em promover o bem dos orphãos, ora cuidando de sua educação, de sua saude e bem estar, ora como pai desvellado intendendo na administração de seus bens, vigiando seus tutores, chamando-os a severas contas destituindo os desidiosos, e punindo os culpados.

Nunca consentiu se fizesse inventario de insignificantes heranças, a fim de que as despezas judiciaes as não absorvessem.

Elito deputado provincial na legislatura de 1856 á 1857, fez uma brilhante estréa parlamentar, distinguindo-se por sua intelligencia, assiduidade, eloquencia e patriotismo.

Em julho de 1857 foi Raimundo Alexandre novamente ferido pela impalcavel mão da sorte com o prematuro fallecimento do seu joven irmão Alfredo,

mancebo de grandes esperanças, que, como Millevoy, baixava ao tumulo no viço dos seus annos e quando começava a revelar um talento superior.

Ainda coberto de dó por este fatal acontecimento, no anno seguinte (1858) passou Raimundo Alexandre por outra durissima provança, qual a do fallecimento de sua idolatrada irmã D. Lourença, casada com seu primo e amigo capitão João Duarte do Valle, deixando em tenra idade dois filhinhos privados dos ineffaveis carinhos maternas.

Tendo se casado em 1857 com sua estimada prima D. Clementina Rita Baima de Carvalho, filha de seu tio e padrinho o tenente Raimundo Alexandre de Carvalho, teve deste consorcio dois lindos filhinhos gemeos, que viverão apenas curtos instantes, e, como tennesauras, sumirão-se immediatamente aos affectos de seus carinhos pais, e forão se azilar no seio do Eterno.

Forão estes anginhos como que os precursores de seu illustre pai no caminho da morte, pois pouco mais lhes sobreviven.

Eleito supplente de deputado geral pelo circulo da capital para o quatriennio de 1858 á 1861, podia este illustre mancebo alimentar justo orgulho por ver assim premiado e honrado seu incontestavel merito e talento; mas aquella grande alma não conhecia o orgulho.

De combinação com seu particular e nohre amigo, o fãado commendador José Joaquim Teixeira Vieira

nal, varão illustre por seu civismo, intelligencia e reaes serviços á patria, tinha Raimundo Alexandre de ir representar sua provincia na sessão de 1859. Mas não o consentiu a inexoravel morte, que nunca pudera abater aquelle espirito superior com os dolorosissimos e successivos golpes que porfiadamente lhe vibrara.

Em dezembro de 1858 foi Raimundo Alexandre passar com sua familia algum tempo na fazenda de seu primo e amigo Dr. Trajano G. de Carvalho sita na comarca do Itapecurú-merim, onde esteve até o fim de janeiro seguinte (1859).

Voltando para a capital em principios de fevereiro desse mesmo anno no vapor *Pindaré*, teve com sua familia de saltar na Ponta d'Areia para esperar o vapor que ali recebeu ordem de ir salvar uma canôa que estava em perigo imminente, e que devia tomal-os na volta, pois elle e outros passageiros não querião affrontar de novo o Boqueirão, que estava terrivel.

Na sua volta com a canôa salva não os indo tomar o vapor, tiverão de ficar por muitas horas com as roupas molhadas até chegarem á cidade, pois havião apanhado muita chuva e não tinhão levado roupa alguma para mudar por causa do atropello do desembarque.

Estes incommodos e contrariedades da viagem muito influirão na sua saude.

Dias depois de sua chegada foi acommettido de uma febre que parecia á principio leve e que foi pouco a pouco assumindo caracter de febre amarella, e foi

peito dos esforços dos medicos, que o fez succumbir no dia 18 de março de 1859, dia de sexta-feira de Passos, tendo apenas 27 annos de idade.

Assim apagou-se para sempre aquella brilhante intelligencia, aquelle espirito superior, de quem a patria muito esperava.

Sua perda foi uma calamidade para sua familia e amigos.

Este admiravel mancebo possuia em subido grão todas as virtudes que enobrecem o homem na sociedade.

Bom cidadão, bom filho, bom irmão, bom amigo e bom parente, soube dar destas sublimes qualidades eloquentes exemplos.

Ouçamos a seu respeito o insuspeito juizo do Dr. Viriato Bandeira Duarte, então juiz de direito da mesma commarca da Capital, no provimento geral de Correição lido em 26 de março de 1859:

«O juizo dos orphãos, dirigido por um magistrado de intelligencia superior, como era o Dr. Valle de Carvalho, tem funcionado regulamente.

A morte prematura deste honrado membro da magistratura, que no viço da idade nos deixou, e que promettia tanto no futuro, foi certamente uma desgraça para os orphãos, que na phrase da ordenação— são pessoas que não tem perfeito conhecimento do que lhes convem, e se não forem bem providos, além de suas fazendas se perderem, receberão detrimento de suas pessoas, pelas quaes elles (os juizes) devem

a bem da fazenda e pessoas desses entes, que a lei procura tanto proteger, e que tiverão a desgraça de perder o arrimo e protecção natural, pedem de mim essas palavras de elogio.

Esta provincia perdeu um de seus filhos de notavel e transcendente merito; e a magistratura um dos seus mais distiuctos membros. Essa curta vida de magistrado, pura e toda dedicada as arduas e severas funcções do cargo, deve ser sempre lembrada por aquelle que succeder ao Dr. Valle de Carvalho.»

Noticiando a prematura morte deste mallogrado mancebo no *Publicador Maranhense* de 21 de março do mesmo anno, diz o venerando litterato Francisco Sotero dos Reis: «Falleceu no dia 18 do corrente, sexta-feira de Passos, o juiz de orphãos e auzentes do termo da Capital da provincia Dr. Raimundo Alexandre Valle de Carvalho, arrebatado na flôr dos annos por uma febre perniciosa, que dentro em poucos dias o levou a sepultura.

Era moço de muitas habilitações e talento, quer como magistrado, quer como litterato, e geralmente estimado de seus concidadãos pelas nobre qualidades, de que se adornava como homem publico e particular.

Com esta lamentavel perda, que causou muita sensação, grandes forão as esperanças que se mallogrão, porque o Dr. Carvalho, que encetara a carreira da magistratura com distincção, e dera altas provas de extraordinaria habilitade como orador na assembléa legislativa provincial, em 1857, era um talento

de ordem superior, que só requeria tempo e campo apropriado para desenvolver-se, e promettia muito de si, se a morte não viesse tão cedo cortar o fio de uma existencia, que a todos se antolhava tão brilhante.»

Para não alongar mais este trabalho, limitamo-nos a transcripção destes dois veridicos e imparciaes juizos.

III

Era Raimundo Alexandre de estatura menos que mediana, tez morena, regularmente gordo, testa um tanto proeminente, nariz bem feito, olhos grandes castanhos e brilhantes, rosto cheio e expressivo, queixo pequeno, longas entradas na fronte, usava suissas, péra e bigode.

Tinha uma presença tão franca e sympathica, os gestos tão agradaveis e naturaes, que, segundo uma expressão familiar, captivava a todos com quem fallava.

Sua conversação sempre variada e agradável delectava e instrua.

Com tão pouca idade tão grande copia de conhecimentos possuia, quer dos diversos ramos das sciencias juridicas, quer da legislação patria e subsidiaria estrangeira, que não pouca vezès era consultado por collegas de abalisada reputação scientifica.

Versado na litteratura antiga e moderna, importantes artigos havia escripto sobre o assumpto, que mais tarde tencionava publicar, mas que infelizmente se perderão.

Pouco se dava a cultura das musas; mas, são todavia suas poesias cheias de verdadeiro estro, naturalidade e expressão, sendo algumas verdadeiramente sublimes, primando entre estas as que concernem aos grandes dias nacionaes, em que verbera com todo fogo, não o povo portuguez, mas o então governo despotico de Portugal, que opprimia a Metropole e a Colonia.

Por convite da presidencia, mais de uma vez desempenhou a importante commissão de examinador nos concursos para parvimento de cadeiras do Lycéo.

De coração humano e bondoso, sabia excercer a sublime virtude da caridade segundo os preceitos evangelicos, nunca ostentando os beneficios que fazia, já por meio de esmolas bem merecidas, já contribuindo para a liberdade de escravos, e até libertando elle proprio sem omnis algum mais de um escravo seu.

Se este grande cidadão, que teve tão prematuro fim, houvesse vivido mais alguns annos, teria se elevado por seus talentos, serviços e peregrinas virtudes ao fastigio das honras e posições sociaes, que as nações costumão prodigar aos seus benemeritos.

Que somma de beneficios não faria elle a esta terra que tanto idolatrava, e que tanto precisa da sincera dedicação e esforços de seus filhos ?!

Sim; se com tão pouca idade e tendo apenas tres annos de serviços a Patria, já eras tanto, que « tua morte foi uma desgraça para os orphãos, » na phrase do illustre Dr. Viriato; se já eras tanto, já com

tua morte grandes forão as esperanças que se mallograrão,» como diz o eximio philosopho Sotero dos Reis; o que não farias tu, ó grande mancebo, para engrandecer esta terra que era teu berço e a qual bem soubeste servir ? !

Permitte, ó inelyto amigo, ó grande esperança da Patria, que tão cedo murchaste; permite que, terminando este penoso trabalho, eu diga de ti o que diceste de João Duarte Lisboa Serra:

«Foi um astro radioso
Que ao Brazil Deus enviou;
Mas que o fado, caprichoso,
Para sempre eclipsoou;
A'õ seu passado brilhante
Sorria-se a cada instante
Futuro immenso, gigante,
Que o sepulchro arrebatou.»

Maranhão, 10 de dezembro de 1882.

João E. V. de Carvalho.

UM ADEUS

aos meus parentes e amigos.



Já fumeja no tumido oceano
O eneo tubo do veloz madeiro,
E o propicio vento, sibilando,
Parece anunciar-me qu'è propinquo
O saudoso momento da partida;
Em que a Patria, Pai, Irmãos e Amigos
E' forçoso deixar talvez p'ra sempre.

Em que triste afflicção me aneia o peito!
Minha fraca razão, oh! não vacilles,
Não succumbas ao peso da saudade,
Attenta o teu dever, segue, executa-o

Doces recordações da minha infancia,
Não, não vinde aggravar a dôr acerba,
Não chameis à memoria os bellos annos,
Que ditoso frui na Patria minha,
Rodeado de amigos verdadeiros,
No terno seio da familia cara,
Onde afagos, caricias e amizade
Me prodigava um Pai, dos Paes exemplo.

Mas já sôa talvez a hora extrema,
 Que, no amplexo d'um Pai, de Irmãos e Amigos,
 Me é permittido confundir com elles
 Lagrimas e suspiros de amizade.
 Ó instantes, instantes preciosos,
 Não fujaes, não fujaes tão de repente;
 Amigos, Pai, Irmãos, vinde a meus braços
 Receber um adeus triste e saudoso.

Dos Amigos, do Pae, da Patria longe,
 Nada me resta que chorar no exilio
 Os felizes momentos, que gozados
 Nos verdes annos meus forão ditosos;
 Mas uma só lembrança me console: —
 Que um dia volva à Patria venturoso,
 Que um dia inda abraçe Irmãos, Amigos,
 E a mão paternal meu pranto enxugue.

Inconstante elemento, mar soberbo,
 Se trahires as bellas esperanças,
 Que tenho de rever a minha Patria,
 En te supplico, nega ao meu cadaver
 Um tumulto, um jazigo no teu seio,
 Impelle-o malfadado para a Patria,
 Nas plagas maranhenses o regeita;
 E tu, ó Maranhão; não, não recuses
 De um filho teu guardar as frias cinzas.

Maranhão, 26 de outubro—1849.

A SINTIDA MORTE DO DEZEMBARGADOR JOAQUIM NUNES
MACHADO

~~~~~

Chora, chora, Brazil, teu filho amado,  
Cujo sangue por ti regou teu solo,  
Já não tens que invejar herões estranhos,  
Feitos illustres p'ra doirar teu nome;  
Já podes ostentar ao mundo inteiro  
Um Cocles, um Catão, um Mucio, um Cassio.  
As glórias de Pharsalia e Marathonia  
Renascerão nos campos brasileiros!  
Basta só, basta só o nome egregio  
Desse martyr que os foros teus vingando  
Brazileiro—morreu por dar-te vida!  
Como terror, fantasma dos tyrannos,  
Perenne existirá sua memoria...  
Os livres corações, a Patria e a fama  
Jamais esquecerão tão grande nome  
—*Nunes Machado*—, patriota eximio,  
Que para sempre avassalando as éras,  
Irà louros colher, culto e respeito  
Nas mais remotas gerações futuras.  
Pesavão sobre ti grilhões de escravos,  
Gemias, meu Brazil, sem que te ouvissem,

Entregue as sanhas, ao furor de algozes;  
 Mas os clamores teus repercutirão  
 No coração do heróe, que alimentaras:  
 A vida despresando, o mundo e a prole,  
 Tudo, tudo pospõe, só quer, só busca  
 Salvar a vacillante liberdade,  
 Que arquejava anciada, moribunda,  
 Nos campos, onde sempre vicejara.  
 Em defeza da Patria iguaes são todos,  
 Esse que leis já dera, é pois soldado,  
 Sustem na destra o gladio, e na sinistra  
 O glorioso padrão dos homeus livres.

---

Em vão ronca o canhão, sibilão balas,  
 Fagulhantes espadas se desnudão,  
 O clarim da peleja em vão resôa,  
 Em vão rugem na guerra horror e morte,  
 Nada embarga seus passos, e su'alma  
 Grande como o universo, é qual rochedo  
 Em pê, firme no meio do oceano,  
 A' zombar dos furores da procella.  
 Como soldado e chefe, eil-o incansavel  
 Pelejando e mandando sempre firme;  
 Morada de valor, seu peito heroico  
 Não trepida, não treme entre os horrores;  
 A peleja cruel, sangrenta e triste  
 Redobra-lhe o valor, não teme a morte.  
 Como Viriatho nas planiceis lusas,

Ou qual Sertorio nos hiberios campos,  
Sem incentivo mais que o enthusiasmo,  
Sem interesse mais que a liberdade,  
Batia-se o valente patriota,  
Como o leão do Atlas, terrivel,  
Contra as hostes ignavas, que os tyrannos  
Sobre o povo açulavão temerosos.  
Mas os emulos vis do vil Perpenna,  
Ou do infame Cepion, jámais se extinguem.  
Succumbirão as leis, armado o crime  
Ergue o braço covarde contra o peito  
Daquelle inclito heròe, que a patria escuda.  
Não podendo matar o amor que o povo  
A' seu chefe magnanimo votava,  
Não podendo abafar sua voz sublime,  
Que electrifava as massas, e fazia  
De cada cidadão um baluarte  
D'arca santa da cara liberdade,  
Jurara o despotismo em meio das trevas  
Armar braço invisivel e covarde...  
Que á falsa fé seus dias terminasse.  
Negra trahição só poude, eximio Nunes,  
Calar o teu furor, teu ardor santo.  
Seu sangue em borbotões tingiu o solo  
Da patria sua, por quem dava a vida,  
Em santo e meritorio sacrificio.  
Tres passos inda deu sobre o assassino,  
Bambaleou, fraquejou cahiu por terra,  
O teu nome invocando, ò liberdade.  
Morreste, pai da patria, como bravo,

E tua santa sombra inulta ainda ! . . .  
 Deixaste de existir, mas não teu nome.  
 Inscripto em nossos peitos para sempre.  
 Morreste sim, porem morreste livre.

---

E assim, conseguiu a vil perfidia  
 Fazer tombar do cume da montanha  
 O roble secular que tut lava  
 Com sua sombra a virente liberdade.

---

Mas, das cinzas de Gracho nasceu Mário,  
 Que abateu a cerviz da tyrannia  
 E levantou as classes desherdadas . . .  
 Assim, Illustré Nunes, os teus manes  
 Não ficarão inultos longo tempo.  
 Surgirá de teus restos, com a Phenix,  
 Braço guerreiro, destemido e forte,  
 Que vingará teu nome e a liberdade.  
 Então tremei, ó despotas, tyrannos,  
 Do dia da vingança—da justiça,  
 Da desafronta da lei—da humanidade.

Maranhão,—1849.

## O AGONISAR DO BARDO.

Socios meus, ermos e valles,  
Não me ouvireis mais gemer;  
Já da morte o torpor sinto,  
Vai findar meu padecer.

A' sombra deste arvoredó,  
Onde meus males carpia;  
Vão cerrar-se para sempre  
Meus olhos á luz do dia.

Vai seccar meu triste pranto,  
Vão cessar meus dissabores,  
Emmudecer vai a lyra  
Onde cantei meus amores.

Oh! sim, expire esta vida  
De dores e compaixão,  
E no repouso do tumulo  
Descanse o meu coração.

E tu, viajor pio, que passares  
Por estas solidões, oh! não recuses

Humilde sepultura ao meu cadaver;  
E sobre a pobre pedra, que impozeres,  
Inscreve estas palavras por piedade

«Aqui jaz na fria campa  
«Quem para amar só viveu,  
«Quem na terra despresado  
«De amores aqui morreu.

«Amou a meiga donzella  
«Com vivo ardor e paixão,  
«Mas illudido por ella  
«Victima foi da trahição.

Foi esta a ultima nota,  
Que o triste bardo soltou;  
E sua alma pura e santa  
A' mansão dos ceus vôou.

Olinda,

## CANTO DO ORPHÃO.

Meu ronco alaúde, afina  
O teu mais dorido som;  
Se a dôr a gemer ensina,  
Procura da dôr o tom.  
Os teus queixumes desprende,  
Meu coração os entende;  
A nossa sorte é igual;  
Os teus accents carpidos  
São echos dos meus gemidos,  
Que arranca o meu grande mal.

Pobre orphão desterrado,  
Neste mundo triste, só,  
De todos abandonado.  
Coberto de negro dô,  
Amarga e crua saudade  
Extinguiu-me a mocidade  
Da vida ao alvorecer;  
N'um leito de dores vivo,  
Sem ter outro lenitivo.  
Mais que chorar e gemer.

Meu triste pranto, deslisa,  
 Minha sò consolação;  
 A crúa dôr suavisa,  
 Que me esmaga o coração;  
 Meu rosto orvalha, pisado,  
 E meu peito requeimado  
 Nas fragoas do padecer.  
 Oh! não te seques, meu pranto,  
 Sem ti, meu balsamo santo,  
 Jámais pudera viver.

Minha Mãe! nome tão doce  
 Inda eu bem não proferia...  
 Coitadinha! lá deitou se  
 Sob a lagem muda e fria...  
 Faltou-me, oh! dôr, oh! saudade!  
 Faltou-me em tão tenra idade.  
 O meu anjo tutelar!  
 Esse bem tão invejado,  
 Esse thesouro sagrado,  
 Só agora o sei chorar.

Nem uma reliquia santa  
 Dessa santa me ficou,  
 Que sirva de alívio a tanta  
 Saudade que me legou;  
 Nem posso saber a terra,  
 Que suas cinzas encerra,  
 Para de pranto a regar;  
 Nem minha memoria infante



Do seu formoso semblante  
Pôde os traços conservar.

Mas inda um pai me restava,  
Inda eu não era infeliz;  
Por ella e por si guiava  
Os meus passos infantis;  
De pai e mãe me servia,  
Me vigiava noite e dia  
Com incansavel amor,  
Era meu unico amigo,  
Era meu unico abrigo  
Da sorte contra o rigor.

Esse mesmo não existe,  
Para si Deus o chamou...  
E sozinho e pobre e triste  
Neste mundo me deixou.  
Meu pai, recebeste a palma,  
Que merecia tua alma  
De virtuoso christão;  
E teu filho, desterrado,  
Não encontra, abandonado  
Um olhar de compaixão!

E nem pude, pai querido,  
Junto a teu leito velar,  
E no momento dorido  
Amargo pranto chorar:  
Morreste, sem que o desejo

Fartasse de dar um beijo  
 Na tua sagrada mão;  
 Morreste, sem que escutasse  
 Um teu ai, e que o guardasse  
 Dentro do meu coração.

Oh! se a dôr fosse só minha,  
 Se meus pais fossem só meus,  
 A magoa, que me definhá,  
 Achara alivio nos ceus.  
 Mas meus irmãos innocentes!  
 Tu não escutas, não sentes,  
 Justo Deus, o seu clamor?  
 Deus de bondade infinita,  
 Os nossos pais resussita,  
 Faze um milagre, senhor.

E se a ferrea lei da morte  
 Não quizeres inverter,  
 Da-me fê, que me conforte,  
 Fê robusta no soffrer:  
 Revive a minha esperança,  
 Que, quasi vencida, cança,  
 Que froixa e baça reluz.  
 P'ara que eu possa, Deus clemente,  
 Abraçado, e reverente,  
 Morrer aos pés da tua cruz.

Meu triste pranto deslisa,  
 Minha só consolação,

A crua dôr suavisa,  
Que me esmaga o coração;  
Meu rosto orvalha, pisado,  
E meu peito, requeimado  
Nas fragoas do padecer.  
Oh! não te seques, meu pranto,  
Sem tí, meu balsamo santo.  
Jámais podera viver.

Olinda.

## A TEMPESTADE E O NAUFRAGIO.



Encrespa-se o mar nudoso,  
Ruge ao longe o vendaval,  
Sumio-se o astro formoso,  
Eis já perto o temporal,  
Já debatem-se os tufões,  
Nos ares fulgem volcões,  
Roneão medonhos trovões,  
Vibrando o raio fatal.

Luta toda a natureza  
Com espantoso furor;  
Redobra o mar a fereza,  
A procella o estridor;  
Um fragil barco lá geme,  
Entregue ao perigo treme,  
Perdida a anchora e o leme.  
Neste momento de horror.

Tenue fanal bruxolêa  
La na extrema do oriente,  
O seu clarão, que rarêa,  
Busca o piloto impaciente;  
Nuvem densa alem se ergueu,

A escassa luz envolveu,  
 A esperança morreu  
 Ante o perigo imminente.

Cançado o nauta cedeu  
 Ao africo impetuoso,  
 O pobre barco bateu  
 Contra rochedo horroroso;  
 O feio barathro abriu-se,  
 O baixel submergiu-se,  
 A companha infeliz viu-se  
 A lutar co'mar iroso.

Lamentações e clamores  
 O ceu e o mar atroavão,  
 E as ondas e os horrores  
 Um apóz outro tragavão;  
 Um já fraco entorpecia,  
 Outro nas vascas gemia,  
 Soluçar triste sê ouvia  
 Nos castellos, que ondulavão.

Nas abobadas dos ceus  
 Os relampagos fulgião,  
 Ludibrio dos escarceos,  
 Os cadavêres volvião,  
 Calou-se o triste alarido,  
 O silencio interrompido  
 Sô era pelo soido  
 Dos trovões, que esmorecião.

Olinda.

## O SUSPIRO DO EXILIO.

Já lá se sumiu-se o sol, a noite escura  
As azas desdobrou, cobrindo a terra.  
A mansa brisa, acalentando as ondas,  
A' beijar as conduz a fulva areia.  
Se ergue a lua: sua face pudibunda  
Um diaphano manto empallidece,  
Como véo, que cioso resguardava  
Um rosto virginal á vista impura;  
Mas já zephiros brandos affugentão  
As nuvens invejosas do seu brilho.  
Eil-a soberba, radiante e airosa  
Entre as estrellas torreado altiva,  
E as aguas de anil argenteando.  
Toda inteira descança a natureza.  
São horas em que o vate se transporta  
Nas azas da fogosa phantasia  
Para a amplidão do mundo das ideias;  
Horas em que o christão á Deus entõa  
Hymnos de graças, fervorosas preces;  
Horas em que o avaro vigilante  
Idolatra o thesouro que escondera;  
Horas são de suspiros e saudades

Para aquelle que bebe o fêl do exilio,  
 Sem achar um amigo que o console,  
 Um peito que partilhe seus pezares,  
 Coração que recolha seus segredos;  
 Existencia fatal, vida de morte!...  
 Aqui junto do mar sosinho e triste  
 Choro em plagas extranhas o meu berço,  
 A minha doce patria—o lar paterno.  
 O mar no leito seu eterno volve,  
 E a terra dorme descuidosa e queda.  
 E' o somno da terra fiel copia  
 Do somno que na patria me doirava  
 Bellos sonhos, alegres devaneios;  
 E o continuo volver do mar semelha  
 Aa pesadas vigalias do destino.  
 Fujo do mundo, a solidão procuro,  
 Só quadros de tristeza nella encontro!  
 Fujo da solidão, ao mundo corro,  
 Despresa a minha dôr e me escarnece!  
 Patria, patria, sem ti não ha venturas;  
 A vida é orphã de momentos doces.

Oh! como é grata a lembrança  
 Da minha terra natal!  
 Como é suave a esperança  
 De minorar-se o meu mal,  
 Voltando p'ra o patrio berço,  
 Depois do exilio fatal!...

Lá os sitios reverei,  
 Onde innocente brincava,

Onde o terno sabiã  
Seus amores descantava,  
Onde a cheirosa baunilha  
Os ares embalsamava.

Onde a lua é mais saudosa,  
O sol mais animador,  
Onde ha virgens que comprehendão  
Um fiel e santo amor,  
Onde prodiga se ostenta  
Em tudo a mão do senhor.

Oh ! quem me dera morrer  
Lá na terra onde nasci !  
Cerrar os olhos lá onde  
Primeiramente a luz vi !  
A morte lá é mais doce  
Do que a vida por aqui . . .

Olinda.



SONETO.

*Ao dia 28 de julho.*

Ergue o gigante o collo agrilhado,  
Sacode os ferros sob os quaes gemia,  
Aterra o despotismo, a tyrannia,  
E livre vê o seu algoz prostrado.

Tal foi, ó Maranhão, tal foi teu fado;  
Petencia extranha sobre ti se erguia,  
Até que os filhos teus soltão um dia  
D'independencia ou morte—ingente brado.

Eu te saúdo dia memorando  
Com grande gloria, com prazer profundo,  
Pois nos livreste do alheio-mando.

Em que tu, Maranhão, paiz jucundo,  
O teu valor mostraste venerando  
Aos reis, aos homens, as nações, ao mundo.

Olinda.

## O TIMBIRA.

Meus irmãos lá no campo ficarão,  
Minha Tribu na guerra morreu!  
Dos valentes que a morte affrontarão,  
Nenhum houve mais forte do qu'eu.  
No mais rijo e mais denso da guerra  
Pela Taba eu buscava cair;  
Mas meu braço os tyrannos aterra,  
Eil-os todos diante a fugir.

Nossos filhos, esposas e pais,  
Todos vi perecerem ás mãos  
Desses tigres ao mundo fataes,  
Desses barbaros, impios christãos.  
E não pode o timbira morrer  
Junto aos bravos da sua nação  
E seu sangue em defaza correr  
Dsste bello e sagrado torrão!

Neste canto do mundo innocente,  
Sem grandeza, sem fama, sem gloria,  
Nossa Tribu vivia contente,  
Esquecida dos homens, da historia;

Quando o nosso sertão, preenhe d'ouro,  
 Excitava as nações d'alem-mar,  
 Que sedentas do grosso thesouro  
 Nos vierão da paz arrancar.

Não contentes co'as nossas riquezas,  
 Duros ferros quizerão lançar  
 Nestes pulsos, que por natureza  
 Livres são, livres hão de acabar.  
 Invadirão os nossos altares,  
 Nossas pobres aldeias queimarão,  
 Destruirão os nossos pomares,  
 Nossos Deuses e lar profanarão!

Já sem Patria, sem Tribu, sem lar,  
 Que hade o nobre Timbira fazer?  
 Sob o jugo servil se curvar?  
 Oh! mil vozes mil mortes soffrer!  
 Manitôs, Manitôs, que insultados  
 Fostes tanto por tão impia gente,  
 Protegei vossos fortes soldados,  
 As reliquias da Tribu potente.

Hade o braço, que agora descança  
 Empunhar o tacape temido;  
 E ao menos gravar na lembrança  
 Desse povo cruento, bandido:—  
 Que a Timbira nação foi de bravos,  
 Que viverão sem ferros soffrer;  
 E que á vida pesada de escravos  
 Preferirão no campo morrer.

Olinda.

EU A VI. .



Eu a vi. . . era meiga e sandosa,  
Qual a brisa no bosque a gemer;  
Era bella, qual lua radiosa,  
Era riste, qual lua a morrer.

Era pura, qual pura florinha,  
Que nos campos viceja garrida;  
Era terna, qual terna rolinha,  
Que na selva suspira sentida.

Os seus olhos travessos, brilhantes  
Tradução de su'alma a pureza;  
Voltejando de instantes a instantes  
Realçavão sua rara belleza.

Os seus peitos, quaes duas conchinhas,  
Adornavão-lhe o seio gracioso;  
Erão duas mimosas frutinhas,  
Que pendião de um tronco mimoso.

Sua madeixa subtil, destrançada,  
Sobre o collo gentil lhe caia,

Pela brisa fagueira emballada,  
Esparzindo na brisa ambrozia.

Eu a vi . . . innocente, sosinha,  
A' brincar co'os peixinhos do mar.  
Namorada da vaga mansinha,  
Que seus pés vinha alegre beijar.

Em seus labios pousava um sorriso,  
Vivo typo do amor, da poesia;  
Era qual o sorrir do p'raiso,  
Era o ceu que p'ra mim se sorria.

Olinda.

AO DIA 28 DE JULHO.

~~~~~

Salve, dia generoso,
Da liberdade phanal,
O teu renome glorioso
Brilha sô, não tem rival:
Vio o teu sol no levante
Um povo nobre, anhelante,
As pés do rude invasor,
O mesmo sol no occidente
O saúda independente,
Da sua terra senhor.

Esse povo soberano,
Que a liberdade seduz.
E' um povo americano,
Nascido na Santa-Cruz:
Criou-se no bosque denso,
Onde cresce livre, immenso,
O frondoso palmeiral:
Esse povo é grande, é forte,
Porque o queima o sol do norte,
Porque ama a terra natal.

Mil jorros de sangue correm
 Sob os pés dos campeões,
 Mil heróes, succumbem, morrem
 Quaes indomitos leões:
 E' o canto derradeiro
 Do moribando guerreiro
 —Ou liberdade, ou morrer.—
 Cada soldado é um bravo,
 Que não sabe ver escravo
 O torrão que o vio nascer.

A victoria pasma incerta
 No meio de tanto ardor,
 Um heróe n'outro desperta
 Novos feitos de valor,
 Mas afinal desdobrado
 Foi no solo libertado
 O auri-verde pendão,
 E das quinas lusitanas,
 Nas plagas americanas,
 Quebrou-se o forte condão!

D'entre o sangue, d'entre a morte
 Ergueu a fronte gentil,
 Radiou então no norte
 Uma estrella do Brazil.
 Nesse dia em tua historia
 Uma pagina de gloria
 Escreveste ó Maranhão;
 Provaste á posteridade

Que fazes da liberdade
Tua gloria, teu brazão

O solio da tyrannia
Não pode em ti descansar,
Que a memoria deste dia
O hade sempre abalar;
Que o despota jámais vence
No coração maranhense
Da liberdade o amor;
Nem pode rojar cadeias
Quem sente fever nas veias
O fogo do equador.

Ergue-te, sol brasileiro,
Da liberdade phanal,
Ao Maranhão prazenteiro.
Ao despotismo fatal:
Se hoje me não foi dado
Tanger-te o hymno sagrado
No meio do povo irmão,
Das longes terras, que habito,
Neste canto deposito
As vozes do coração.

Minha patria idolatrada,
Meu magestoso paiz,
Na tua frente laureada
Brilha um destino feliz;
Não descreias um instante

Desse futuro gigante,
Que soubeste conquistar.
Seja sempre a liberdade
—Santa lei da Divindade—
A tua estrella polar.

Olinda.

NO ALBUM DE R. DE S. PAES D'ANDRADE



Prosegue, mancebo, não temas—avante!
Tem fê nos destinos, que Deus te fadou;
Completa o teu curso, planeta brilhante,
O curso que aos astros o Eterno assignou.

Lutaste, venceste, já tens uma c'roa:
Não pares, prosegue na tua missão:
A pátria te espera, da pátria quinhôa
As glórias, as dores, fiel cidadão.

No meio das honras que arrasta o talento,
Coberto das benções do nosso paiz,
No teu afanoso lidar — um momento
Reserva á memoria do amigo infeliz.

Olinda.

A UM CASAMENTO.

Quem é o par ditoso, que caminha
A'o templo de Senhor?
Porque ambos se inclinão respeitosos
Perantê o seu pastor?

São dois entes, que o sacro matrimonio
Em um só resumio;
São dois corações puros e formosos,
Que Deus p'ra sempre unio.

Nascidos um p'ra o outro, em vão o tempo
Os buscou separar,
Que através das distancias e dos annos,
Sabião conversar.

E esse amor constante e virtuoso,
Que sempre os abraçou,
O levita de Deus nas sacras aras
Agora abençoou.

Se é dado ao vate devassar os tempos,
E ler no grande livro do futuro,

Páginas d'ouro por um anjo escriptas
Um destino vos marcão lindo e puro.

Formosa e innocente vos acena,
Sorrindo meiga e leda geração,
Outras tantas centelhas de voss'alma,
Certo vossas virtudes herdarão.

E longos annos volverão serenos,
E a vossa sorte não se mudará;
De Deus a benção vos escuda e guia,
E aos vossos filhos se transmitirá.

Maranhão.

A' EXM.^a SENR.^a D MARIA A. L. SERRA PELA SENTIDA
MORTE DE SEU IRMÃO O CONSELHEIRO JOÃO DUARTE
LISBOA SERRA.

~~~~~

Quem a dor pode calar,  
Que da saudade provem ?  
Quem pode o pranto vedar,  
Que origem na magoa tem ?  
Essa dor não se comprime,  
Enxagar o pranto é crime,  
E' profanar a sublime  
Lingoagem que d'alma vem,

Deslisar deixa teu pranto,  
Não temas o mundo vão;  
E' esse o balsamo santo  
Das chagas do coração.  
Uma lagrima saudosa  
E' a flor mais preciosa,  
Que podes lançar, piedosa,  
A' campa do teu irmão.

Mas não creias que sua campa  
Só teu pranto regará;

Em muito rosto se estampa  
 A dor, que eterna será:  
 Os teus ais, os teus gemidos,  
 Irão, magoados, sentidos,  
 Com mil outros confundidos,  
 Ao jazigo onde elle está.

O irmão, que idolatraste,  
 Não morreu, para ti só;  
 Assim como te enlutaste,  
 O Brazil arrasta o dô:  
 Se tu perdeste um thesouro,  
 Mais precioso, que o ouro,  
 O Brazil perdeu um louro,  
 Que lá jaz murcho no pó.

Tu te separas do amigo,  
 Que ao seio do Eterno vai;  
 Outros perdem nelle o abrigo  
 De bemfeitor e de Pai:  
 Em ti só geme a saudade,  
 Mas, em misera orphãdade,  
 Quantos invocão debalde  
 O justo, que o ceu retrae !

Seus dias, enquanto homem,  
 Todos deixarão signal;  
 Os tempos jamais consomem  
 Esse nome perennal,  
 Porque o brilho da virtude,

Confundindo o vicio rude,  
Leva atravez do ataúde  
O seu fulgor immortal.

Foi um astro radioso,  
Que ao Brazil Deus enviou;  
Mas que o fado, caprichoso,  
Para sempre eclipsou.  
Ao seu passado brilhante  
Sorria-se a cada instante  
Futuro immenso, gigante,  
Que o sepulcro arrebatou.

Do vivo esplendor coberto,  
Que ao talento só condiz,  
Sempre foi azylo certo  
Para todo o infeliz.  
Quer o rico, quer o pobre,  
Quer o pebléo, quer o nobre,  
Sobre a lagem, que o encobre,  
Sua memoria bemdiz.

Deslisar deixa teu pranto,  
Não temas o mundo vão;  
E' esse o balsamo santo  
Das chagas do coração.  
Os teus ais, os teus gemidos,  
Com mil outros confundidos,  
Irão tecer-lhe doridos  
Uma saudosa oração.

Maranhão.

AO IMMORTAL DIA 7 DE SETEMBRO.



Alça a fronte gentil e soberana  
Esculta, ó meu Brazil idolatrado !  
Maldito o filho teu, que não se ufana.  
De saudar este dia abençoado.

Os tyrannos julgarão-te um escravo,  
E eras um gigante, que dormia;  
Despertaste afinal do somno ignavo,  
E por terra cahiu a tyrannia !

Neste dia surgiste radiante,  
No banquete dos livres te sentaste;  
E o destino bradou-te—avante, avante !  
E avante seguro caminhaste.

Eia, pois, meu Brazil, rica, opulenta,  
Não temas exhaurir a tua vida,  
Um brilhante passado te sustenta,  
Um risonho futuro te convida.

Roma foi o theatro de um guerreiro,  
E depois a nação dos reis do mundo !



O teu Romulo foi Pedro Primeiro,  
O teu Numa será Pedro Segundo.

Ergue-te, vasto Imperio americano,  
Avulta entre as nações, és grande, és forte,  
O teu povo é um povo soberano,  
Liberdade e razão—eis o teu norte,

Ganhaste com teu sangue a liberdade,  
Ganha com a liberdade a fama, a gloria:  
Teu nome viverá na eternidade,  
O provir passará na tua historia !

Alça a fronta gentil e soberana,  
Exulta, ó meu Brazil idolatrado !  
Maldito o filho teu que não se ufana  
De saudar este dia abençoado.

Maranhão.

## IGNOTO DEO.



Não era ás luzes do saráu brilhante  
Que resplendias, cherubim formoso;  
Era n'um prado de cheirosa relva,  
Aos meigos raios de um luar saudoso.

Sim, porque a roza purpurina e bella  
Na debil haste mais perfume exhala;  
E mais ainda, quando á noite a brisa  
Em doces beijos de amor a embala.

Eras sosinha a te rever na lua,  
Eras sosinha a conversar com Deus,  
Eras da terra, mas teu pensamento  
Em azas de anjo remontava aos ceus.

E curta phrase descerrou teus labios,  
Foi um suspiro de sonhado amor,  
Que a brisa leve, desprendendo aromas,  
Levou em ondas de suave odor.

Ebrio de amores, eu segui a brisa  
Por entre as flores do gentil rosal,

Em vão. . . que a brisa, do thesouro avara,  
Subtil perden-se pelo immenso val.

Nem pude ao menos escutar, ó virgem,  
A' quem teu peito tal suspiro deu,  
Mas voz-interna me dis*ta* u'alma:  
Acolhe-o, acolhe-o, que o suspiro é teu.

Eu te idolatro; meu amor é puro,  
Ainda é virgem este coração:  
Dou-te as primicias de um amor ardente,  
Não as regeites, ó meu anjo, não.

Tens no meu peito um altar sagrado,  
Tens nos meus olhos eloquente pranto,  
Tens nos meus labios um louvor eterno,  
Na minha lyra um saudoso canto.

Novo suspiro, mas já não segredo,  
Teus roseos labios outra vez abriu,  
E o triste bardo seu mesquinho nome  
Por entre os echos da soidão ouviu.

.....  
.....  
Vaguei debalde longo tempo em busca  
De um puro, santo, de um divino amor;  
Em ti achei-o, campesina virgem.  
Bendito sejas, ó meu Deus Senhor.

Maranhão.

## OBSERVAÇÃO.

---

Estando já impressa a maior parte desta obra, encontramos felizmente um dos trabalhos de Raimundo Alexandre, á que nos referimos na *Advertencia*, e o fazemos publicar em seguida.

UMA LAGRIMA A MEMORIA DO EXM. SR. CONSELHEIRO  
JOÃO DUARTE LISBOA SERRA.

~~~~~

Cui pudor, et justitiæ soror
Incorrupta fides, nudaque veritas,
Quando ullum invenient parem!

Horat.

No dia 16 de abril, depois de longos soffrimentos, succumbio no Rio de Janeiro, victima de uma nephrite albuminosa, o Exm. Sr. conselheiro João Duarte Lisboa Serra, natural d'este provincia e membro de uma das suas principaes familias, deixando inconsolaveis uma virtuosa esposa, seis innocentes filhinhos e numerosos parentes e amigos.

Este fallecimento é um d'aquelles, que não levão somente a desolação e o luto ao coração das pessoas, que, ou pelos laços do sangue, ou pelos da amizade, erão ligadas ao illustre finado; mas tambem arranca uma sentida lagrima, um gemido profundo ao Brazil: não morreu só o parente extremoso, o amigo franco e leal, e sim ainda o varão justo, o brasileiro distincto!

A nossa sociedade, joven, como é, luta com todos os preconceitos e aberrações, que preludião a ultima

ruína das sociedades envelhecidas e gastas: quando pois, no meio das lentas agonias d'esta gangrena moral, surge uma intelligencia robusta, um character puro e firme, que, não tremendo affrontar a corrupção da epocha, radicada em sordidos, mas poderosos interesses, estigmatiza os vicios pelo exemplo das virtudes sociaes, devemos abençoal-o e segui-l-o: e quando, por um dos imperscrutaveis arcanos da Divindade, essa intelligencia se apaga, esse character se some nos umbraes da eternidade, cumpre choral-o. O Exm. Conselheiro Lisboa Serra era uma dessas intelligencias, era um d'esses caracteres: os seus comprouvianos, os seus patricios jamais chorarão sua morte assaz.

Oriundo de uma familia honesta e abastada, os seus pais bem cedo reconhecerão o talento, que n'elle espontaneo se revelava e o destinarão as lettras. Depois de haver recebido n'esta provincia a educação primaria e secundaria, foi cultivar os estudos superiores em Coimbra, onde, rodeado de geral estima e no meio de sinceros e merecidos applausos, foi graduado em mathematicas e sciencias physicas. Regressou em 1812 ao seu berço natal a revêr os amigos e os parentes e a colher o fructo das suas lucubrações. Mas, por uma inspiração benefica, elle antevio logo que o Maranhão era um circulo demasiadamente acanhado á expansão da sua alma, á realisação das suas idéas; e, em demanda de um theatro mais amplo, embarcou para o Rio de Janeiro no mesmo anno.

O mancebo, que voltara da velha Europa rico de affeições e de conhecimentos, e que se ausentara da sua patria, não instigado por uma ambição egoistica, mas guiado por um pensamento generoso, entrou só e desconhecido na côrte do Brazil.

Ahí os brilhantes dotes do seu bem formado coração lhe grangearão a alliança com uma das melhores familias, e as mais valiosas recommendações—o talento e a modestia—lhe conquistarão um circulo de bons e dedicados amigos. Erão estes os ainda frouxos raios de uma aurora brilhante, que lhe sorria, era o preludio do seu futuro engrandecimento. O prestigio marayilboso da honra e o irresistivel predominio da intelligencia fizerão o resto.

O governo, que sempre busca apoiar-se em columnas solidas, não podia deixar no olvido essa illustração precoce: chamou-o a si e confiou-lhe successivamente cargos da mais alta importancia, em cujas funcções o joven maranhense realison sobejadamente todas as esperanças, que n'elle haviam depositado.

Acompanhemol-o na sua tão brilhante, quanto rapida carreira.

Nascido a 31 de março de 1818, contava elle apenas 24 annos, quando foi residir no Rio de Janeiro. A inspectoría da thesouraria geral da provincia do Rio foi a sua estrea na vida publica. Nomeado para esse emprego, desenvolveu no seu exercicio tal intelligencia e zelo que o governo o julgou digno de missão mais alta. Chamou-o para o thesouro nacional e ahí continuou elle a corresponder ao grande conceito, que já acompanhava o seu nome.

* - Sua typographia. É' mais, como se vê da transcriçãõ que vem no "Panteão", de Henriques &c. II vol.

Não era esta a esphera, que devia circumscrever a capacidade do conselheiro Lisboa Serra; e o governo bem comprehendeu esta verdade, confiando-lhe uma commissão da mais subida importancia—a presidencia da Bahia em 1848. Só por espaço de 30 dias regeu elle os destinos d'essa provincia, porque uma inesperada mudança no governo trouxe, como consequencia, a de todos os seus delegados, mas esses 30 dias forão bastantes para elle desenvolver uma administração justiceira e sabia, que annunciava á Bahia um futuro esperançoso; esses 30 dias forão bastantes para elle rodear-se de sympathias, de amigos, de admiradores; e, quando se retirou, ficava o seu nome escripto com caracteres indeleveis no coração do povo bahiano.

Tratava-se de criar o banco nacional: o membro do gabinete, encarregado da sua organização, descobriu no conselheiro Lisboa Serra uma intelligencia capaz de o ajudar em tarefa tão ardua; e, depois de constituido, não quiz entregar a sua infancia á outra tutela senão a d'aquelle mesmo, sobre quem havia pesado em grande prate o trabalho da sua instituição: coube portanto ao conselheiro Lisboa Serra a presidencia do banco nacional.

Deixou então, cercado do respeito e da afeição dos seus subordinados, de ser thesoureiro do thesouro nacional, cujo exercicio havia reassumido, desde que voltara da Bahia: os seus bons serviços, prestados n'essa repartição, forão remunerados com o titulo do Conselho.

Elle não gosava somente da estima e considera-

ção do governo, mas também das sympathias e do amor do povo; em testemunho do que os suffragios dos maranhenses o levarão por duas vezes a camara quatriennial, como seu representante.

Para um homem de 36 annos, e que tinha apenas 12 de residencia na côrte, é muito!

Vão quebrar-se os elos da cadeia dourada, que prendia o passado fecundo e puro do homem virtuoso a um porvir ainda mais puro e mais fecundo: uma nuvem negra passou sobre a face do astro, que ha pouco se erguera do oriente e já diffundia uma luz tão vigorosa, tão sua: a morte poizou a raiz da arvore cheia de seiva e de vida, que em pouco annos havia crescido, florido e frutificado mil vezes.

Morren o Conselheiro Lisboa Serra no vigor da idade; entre os sorrisos de uma fortuna lisongeira! e pôde nos ultimos instantes d'esta vida transitoria volver sem pejo os olhos para a corrida senda: (rara satisfação!) o seu passado não tinha uma nodoa, o seu coração um remorso sequer para asedar-lhe o inevitavel calice, a que está sujeita a humanidade inteira. Assim morre o justo!

N'elle o homem particular e o publico disputavão o amor e as benções dos seus concidadãos e da patria.

Extremoso para com os seus parentes, sincero e constante para com os seus amigos, lhano, affavel, officioso e accessivel a todos, elle sabia insinuar-se nos corações dos que o communicavão e acabava por dominal-os.

Não por van ostentação, nem para lisongear o seu amor próprio, elle ambicionava fazer hem aos seus semelhantes; mas sim pelo santo desejo de buscar a verdadeira felicidade na felicidade dos que o cercavão: os seus olhos não estavam êrmos de pranto, enquanto outros chorassem, os seus labios não sorrião, enquanto outros gemessem, o seu coração não se alegrava, enquanto outros se debatessem com os horrores do pesar. Não é preciso irmos longe para encontrarmos vestigios bem recentes e vivos da sua mão piedosa: o Maranhão, onde vivemos, que nos vê e nos conhece a todos, pode por si só dar um testemunho eloquente da sua caridade. Quantas familias elle não levantou da indigencia, quantos orphãos não amparou, quantas viúvas não soccorreu, a quantos pobres com mão desconhecida não ministrou o pão quotidiano?

Dispondo na cõrte de grande e justa preponderancia, conquistada pelos seus reconhecidos merecimentos, não foi para si que d'ella se valeu, mas para o infeliz, para o desfavorecido, que nunca invocarão debalde a sua protecção. Elle era incansavel, multiplicava-se para beneficiar.

As suas cinzas tem direito a um eterno reconhecimento, e sobre ninguem esse direito pesa com mais rigor, do que sobre o Maranhão, onde são innumeradas as pessoas, que lhe devem finezas grandes, favores de alta monta.

Eis o homem particular.

Quer o considerem como funcionario publico, quer

como homem meramente político, não encontrarão na vida do conselheiro Lisboa Serra senão motivos para o admirar.

As mudanças successivas de empregos de uma certa ordem para outros de uma ordem superior provão exuberantemente que elle crescia de dia em dia na confiança de governo, confiança essa, que tocou ao apogêo com a sua nomeação para a presidencia do banco nacional.

Como homem político, as idéas saãs e humanitarias, que elle professava e sempre buscou realisar, bastão para pôr em relevo os sentimentos patrióticos do seu coração generoso. Estranho á sordida e mentida politica de personalidades e egoismos—apanagio das mediocridades—elle bebia os principios d'esta sciencia na philosophia e no evangelho: para elle o fim da politica era o bem-estar moral e material da sociedade por meio da ordem, da liberdade e da igualdade. Detes'ava essa liberdade phrenetica e delirante, que substitue o governo pela anarquia, a moralidade pela depravação, a religião pela impiedade, a virtude pelo crime: abominava a igualdade absoluta, esse dogma absurdo e subversivo, que, pretendendo reorganisar a sociedade, a desorganisa e anniquila: queria uma liberdade justa e limitada, uma igualdade razoavel e compativel com a indole e conservação da sociedade.

Esta era a sua convicção politica intima, profunda, convicção que resalta em todos os seus escriptos, em todos os seus discursos: era o escopo, a que sempre

se dirigiu firme e resolutto, sem embargo de ver a seu lado estes ou aquelles homens, porque elle reconhecia que em politica—*as idéas são tudo e os homens pouco.*

Passando das theorias aos factos, não se encontra em toda a vida do conselheiro Lisboa Serra um só, que venha desmentir o seu pensamento: o homem, que raciocinava, era o homem, que obrava. Jamais, durante o tempo, em que elle foi representante da Nação, se suscitou uma idéa tendente ao progresso moral e material do seu paiz, que não fosse defendida pela sua eloquente voz, pela sua vigorosa logica. Os seus discursos são monumentos eternos d'esta Verdade.

O Brazil era sua patria, elle o amava; porem o Maranhão era o seu berço, elle o adorava, porisso, no afanoso propugnar pela felicidade commum, sempre esta porção do solo brazileiro lhe mereceu mais desvellos, maior dedicação.

Eis o homem publico.

Este existencia curta, mas preciosa e rica, sobre cujas phases principaes hei passado uma vista rapida, desvanecer-se ao sopro gelador da morte! . . . E' doloroso ver se um passado tão bello, uma presente tão brilhante e um futuro tão risinho sumirem-se n'um instante, como o fumo, que se desfaz nos ares! Morreu um cidadão benemerito, um pai extremoso, um amigo fiel, um esposo dedicado.

O corpo voltou á sua origem, o nome ficou impresso nas paginas eternas do coração, e a alma candida vôou azinha a repousar no seio do Senhor.

A humanidade perdeu um thesouro, o Brazil um ornamento e o Maranhão uma gloria...

O que resta ?

Chorar sobre a campa do justo.....

.....

Sirvão estas linhas pobres, mas nascidas do coração e escriptas por um homem, que não sabe lisongear e que nunca recebeu favores do Exm. conselheiro João Duarte Lisboa Serra, de lenitivo as dores e saudades dos seus parentes e amigos, especialmente o tenente-coronel Joaquim Serapião da Serra, a quem tocou o dever triste de cerrar-lhe os olhos.

Maranhão, 10 de maio de 1855.

R. A. Valle de Carvalho.

INDICE

Dedicatoria.....	pag. 3
Advertencia.....	6
Biographia.....	7
Um Adeus aos meus Parentes e Amig s.....	25
A morte do desembargador Joaquim Nunes Machado.....	27
O Agonisar do Bardo.....	31
Canto do Orphão.....	33
A Tempestade e o Naufragio.....	39
O Suspiro do Exilio.....	41
Soneto.....	43
O Timbira.....	47
Eu a vi.....	49
Ao dia 28 de Julho.....	51
No Album de R. de S. Paes d' Andrade.....	55
A' um casamento.....	57
Nenia á morte do conselheiro J. D. Lisboa Serra.....	59
Ao dia 7 de Setembro.....	63
Ignoto Deo.....	65
Observação.....	67
Uma lagr.ma á memoria do conselheiro João Duarte Lisboa Serra.....	69